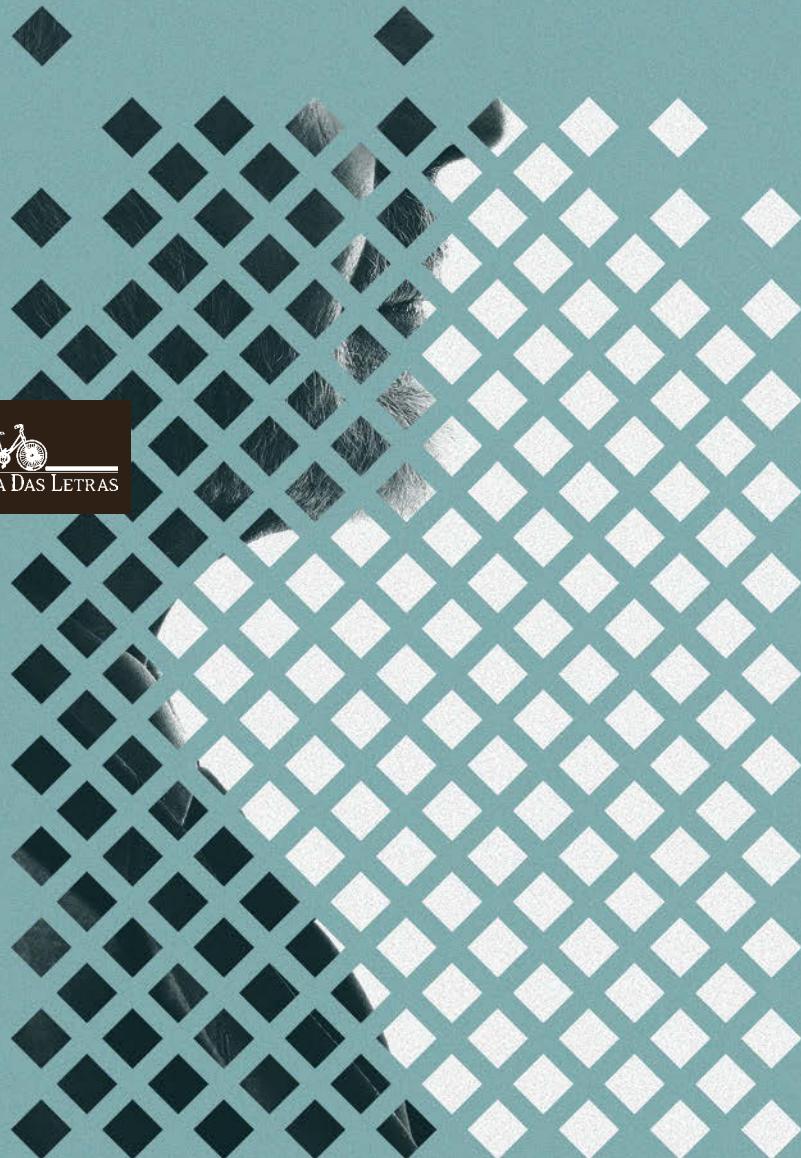


o lugar da incerteza

Patrícia Reis



Era um miúdo com uma caderneta de cromos na mão; era um homem numa mesa de restaurante, a avaliar a verdade do outro em menos de um minuto; sublinhe-se essa capacidade de ver na rapidez do tempo. Fixava aquela mulher, radiografava-a. Ele teria de ajustar a medicação, ou talvez já não desse mais; talvez não restasse à Medicina resposta para o tanto que ela vivera. Ele, com cinquenta e nove anos, avaliava a senhora com oitenta e cinco, e ambos tinham o entendimento certo de serem donos, cada um à sua maneira, de uma ideia obstinada: a de que a razão lhes pertencia. Para ele, era importante ter uma certa razão, mesmo que, na teoria, fosse possível afirmar que tudo é relativo, volátil, difícil, «tudo depende», diziam-lhe os pacientes, e ele que sim, mas nada o demovia das suas convicções. A velha senhora possuía outro entendimento sobre a razão: era o caminho das pedras trilhado com tudo às costas, a mãe, o pai, o marido, os filhos. Na carteira de pele preta, já gasta nos cantos, guardava um caderno pautado de pequenas dimensões, também ele em pele preta. Na fragilidade da sua caligrafia infantil, aquela que aprendera na escola primária, desenhava uma lista de todos os mortos que fora acumulando. Todas as pessoas que conhecera e que já não estavam. E era esse conhecimento que lhe conferia a razão de saber mais do que os outros, porque encarava a morte

com lucidez, sabia-a presente. A razão dela estava despojada de ilusões. A do homem à sua frente era de outra dimensão, havia uma certa poética naquilo que lhe garantia um lugar seguro. Ter razão significava habitar um edifício de saber. E ele conhecia certos poemas de cor, sabia citá-los no momento adequado, com sentido de oportunidade; decorara as letras das canções mais importantes de sempre, embora só fossem importantes para ele, no tempo dele, e havia uma certa comoção quando percebia que alguém, um paciente, captava a referência e, ainda assim, perguntava «ah, isso é do David Bowie? Isso é dos Yes?». E ele sorria, um sorriso estranho e ensaiado, próprio de um lugar distante, que o distinguia, lhe dava um estatuto exclusivo, a certeza de ser especial. De ser ele.

A velha senhora odiava a palavra idosa e fê-lo saber mal chegaram àquele momento de confronto. «Não me diga que sou idosa ou que estou idosa, sou uma mulher velha.» Ela gostava dessa crueza, era-lhe relevante a precisão das palavras e, mesmo não tendo os estudos do psiquiatra, aquele homem de olhar nímio, sabia valorizá-las, compreendia o seu significado. «No dia, tenho horas, vou sentindo o corpo, a cabeça, ignoro, há coisas que não merecem a pena.» Ele, com a concordância que reservava para os que merecem ser poupadados, sorria. A mulher velha estava nessa categoria. Alguém, o filho ou a nora, tinha confidenciado *coisas*. Fazia sempre toda a diferença um psiquiatra ter cartas que revelavam as potenciais tipologias. A senhora era uma copista, alguém que matutava o passado no presente, sempre a copiar o que já tinha sido, por ser essa a realidade de tudo o que conhecia. «Não imagina o que ela sofreu», dissera o filho. Ou a nora. Não prestara atenção, mas colhera os pormenores: trabalhou para o partido antes do 25 de Abril, e em Portugal só há um partido que pode reivindicar esse título;

esteve na clandestinidade; foi obrigada a entregar um filho ao desconhecido, saiu a salto do país antes de ser chamado para a tropa; nunca mais o viu. Outro morreu. O marido bebia. Não lhe batia, era a tortura das palavras, os silêncios pesados. Poucas coisas corroem tanto quanto o silêncio. Era o pior. Na vida das mulheres, o silêncio esgota-se nesse peso. António sabia-o. Por tê-lo estudado, por tê-lo vivido e infligido. No final, era apenas um homem como os outros. E também ele bebia.

Agora, no fim da vida, a mulher velha tomava medicamentos vários, muitos sobre os quais nada sabia, outros que sobreponha, e só isso era um disparate. Ele não o disse. Era cliente regular do restaurante, o filho não viu qualquer mal em pedir uma opinião e, assim, depois do café, porque estas coisas têm de ser no momento certo, alvitrou timidamente «se o doutor a pudesse ver...». A senhora sentou-se à sua mesa, sempre a mesma, afastou duas ou três migalhas de pão e levantou os olhos para o psiquiatra. Não havia ali medo ou interrogação, encarava-o com um sentido de paridade que lhe agradou. Era bom sentir que as pessoas podiam ser tanto quanto ele, não eram muitas as que o conseguiam fazer. Aquela mulher nem se preparara para o encontro, não era exactamente uma consulta, e, apesar disso, mantinha a sua posição, a sua identidade, sem qualquer desculpa. Ele perguntou-lhe se se sentia cansada da cabeça e ela riu-se, «da cabeça e dos ossos, tenho os ossos todos migadinhos. Sabe o que isso é? E a minha cabeça é algodão.» O psiquiatra assentiu. De certa forma, o corpo dela também lhe pareceu algodão, era uma mulher miúda, que minguara no tempo, não subsistiam indícios de grande beleza, apenas os olhos, semicerrados, reclamavam uma força, ainda lhe restava alguma força. António fez o retrato para si, tentandovê-la com discrição. Não sorriu. O filho, um homem pequeno, de barba cerrada, envergando

um avental impoluto, perguntou se deveriam mudar a medicação, talvez outra droga fosse melhor, «estão sempre a actualizá-las, não é verdade?». Ela não se ofendeu com a palavra droga. Era dura. Tinha sido sempre assim. Estóica. Uma daquelas mulheres para quem o prazer é uma ilusão dos outros. «A vida não tem graças, só penas.» E ela cumpria as suas desde sempre; nascera numa família pobre e o partido tinha-a usado durante muito tempo. «Vocês enchem a boca com a palavra democracia, não sabem nada. O mundo foi mudando, mas para mim nada mudou.» Uma copista, portanto.

Fizera a sua vida construindo cada pedaço, à espera de ver o pai a espreitar na esquina para o cumprimentar, para lhe dizer «olha, fizeste bem», bastaria isto, «fizeste bem», nada muito elaborado, e tudo, tudo em absoluto, teria valido a pena; o pai a espreitar para o cumprimentar e o mundo a fazer sentido, a ter significado. O pai não iria aparecer, não era um fantasma, há muito que estava morto, e isso, de certa forma, era uma desfaçatez. A ideia de o pai ser capaz de surgir do nada parecia-lhe um pensamento mágico poderoso o suficiente para o manter à tona. Perseguia, há mais de trinta anos, aquela ideia do pai. Não teria a aparência encarquilhada de quando decidiu que era hora para morrer, seria um homem inteiro, não mais de sessenta anos, o homem forte das fotografias, que admirara sempre, pelo menos durante o tempo em que fora miúdo. Os dedos a percorrerem a caixa de lata com as fotografias e ele a ver-se no corpo do pai, a ser o pai, as mãos nos bolsos das calças, a camisa branca, o corpo esguio, um sorriso mais perto do esgar do que da alegria teórica da pose fotográfica. Aquilo era um homem, e ele seria assim, ou então teria a sua validação, o seu consentimento para viver a vida que escolhera, feita de observar os outros, a ouvi-los para ser brindado, sempre e outra vez, e a voz do pai arranhada por culpa dos cigarros tunisinos, «então, tu agora queres lá ver?»

é isto que fazes, António?». Não era uma condenação, mas um assombro, o filho a ver os velhotes a gerir os degraus, a maneira como estavam sentados, ou os outros, os mais novos, todos eles, dos vinte anos em diante, a dizer coisas sobre a tristeza, a inevitabilidade da queda e, nos últimos tempos, sobre o tédio, sofriam de um tédio atroz. O filho salvava dos abismos, era mais do que um pára-raios; o abismo está sempre presente, os raios surgem quando querem, não são uma obrigação do ser.

O pai, na fundura do seu silêncio, o mutismo que o caracterizava até na alegria, quando a vida pedia alegria, era outra forma de precipício. Ainda agora, António era a ruína desse abismo e, por isso, quem sabe?, talvez mesmo só por isso, escutava os demais e tentava afastá-los, mantê-los a salvo dessa queda indistinta que poderia fazê-los perder tudo. Se o pai tivesse tido a ousadia de consultar um psiquiatra, o mutismo seria o maior desafio. Havia algo que o impedia de alcançar as palavras. António lembrava-se da dificuldade em manter qualquer diálogo. Adolescente, padecia por ter um pai que não sabia o significado da palavra partilhar. Ele queria saber as coisas dos homens, queria ter argumentos para condenar a mãe, e o pai falhava com o rigor dos mais disciplinados. Restou-lhe a observação e, apesar do amor, porque era de amor que se tratava, nunca entendera o pai e esperava que este o entendesse, que o visse. Aquela frase que permitiria validação era-lhe devida. Amorosamente, compensava nos seus pacientes, dava o retorno paterno que não tivera. O professor Osvaldo Campos¹ dissera-lhe que era preciso saber escutar e falar, não apenas escutar, «nunca tiras tudo cá para fora se não te expuseres, não vem nos manuais, mas é assim, tu verás».

¹ Personagem do livro *Combateremos a sombra*, de Lídia Jorge.

António escutava os seus pacientes. Enquanto isso, no tecer das conversas dos outros, os mais vivos e os mais mortos, porque existem pessoas que vivem estando mortas, procurava um sentido para o que poderia ainda acontecer-lhe, o pai a espreitar, a dobrar a esquina e a dizer «olha, fizeste bem».

«O coração tem uma certa esperança, doutor», é isso, uma certa esperança, e António pensou que aquilo lembrava uma canção. Não conseguiu identificar a melodia, a memória falhava a fixar essa ideia, o verso cantado na sua memória seria certeiro, mas, teimoso, recusou-se a comparecer. A canção desapareceu. Existem canções cujas letras guardam o mundo dentro. «O coração tem uma certa esperança», repetia o homem, desesperançado, desempregado, desalentado. Era o primeiro paciente dessa quarta-feira, um dia banal, sem acontecimentos. Mas esperavam-no ainda uma depressão, uma personalidade desarranjada, uma doente com questões organizacionais, outra, centralizadora, um filho a tentar libertar-se de uma mãe, uma mãe a perceber que a sua confiança está pendente do sucesso dos filhos, e um paciente novo. Tudo isso à quarta-feira.

Ouvia-os com calma, por vezes, com certa irritação; em alguns momentos, imaginava-se a agir de forma mais ou mais violenta perante a fragilidade de pensamento deles ou quando os pacientes se limitavam a repetir padrões sem entender o dano auto-infligido. Essa violência era simbólica e mental; António sabia fazer valer o silêncio, e isso remetia-o para outros tempos. Para a figura do pai, o silêncio à mesa em quase todas as ocasiões, mesmo as festivas. Até no silêncio, António intuía o desapreço dele. Nesse tempo, não podia imaginar que herdaria o consultório paterno, a poltrona do médico de família que ouvia

pacientemente e prescrevia com letra miúda, a caligrafia bem desenhada testemunhando a concentração, o afínco com que entendia o seu ofício. Talvez tivesse herdado também aquela personalidade sombria e, por isso, se remetesse, também ele, ao silêncio. Perante os doentes, optava por os poupar, caso contrário, se conseguisse expressar tudo o que sentia, corria o risco de ir pelos caminhos da humilhação. Os pacientes não estavam preparados. O pai, porém, não tivera esse cuidado com ele, o seu único filho, e, quando quebrava o silêncio, fazia-o abruptamente e era sempre uma agressão, cada palavra uma facada. Para ele, António; para a mulher. Talvez por isso António tenha decidido entender a mente dos outros, para entender a do pai. Era uma explicação singela e assente num território de clichés que não importava grandemente aprofundar. Preferia pensar que a psiquiatria era um jogo e que agora era ele quem ditava as regras.

Guardava o mundo dos outros na cabeça e sabia que os desprezava, algures dentro dele o tédio vencia. O sentimento era projectado nos doentes, pessoas à beira da tal escuridão, que nunca atingiriam o seu potencial; no fundo, projectos falhados. Essa verdade irritava-o. Não o entristecia, irritava-o. A precedência do medo era limitativa, e esse ponto de fuga permitia o comodismo, a paralisação, o não-fazer. Matava a criatividade. António não perdoava aos pacientes a desfaçatez de optarem por uma vida comezinha. Ele era a favor do singular. E nada disto era sobre eles, mas sim sobre si próprio, que, ainda agora, órfão de pai, procurava destacar-se, atingir o seu potencial. O desprezo que sentia era sempre uma construção sobre si próprio. Ouvia os pacientes e procurava entendê-los. Os anos ajudavam, a prática, contudo, esperava ser capaz de algo mais redentor. No fim, era António quem falhava. Importava encontrar novas possibilidades, e mantinha-se nesta luta.

Não estava sozinho, o mundo exigia tudo o que era novo e especial, capaz de fazer pasmar. A exigência dessa quase originalidade permitia esconder a terrível banalização dos gestos, as vidas mergulhadas numa insatisfação infinita. E lembrava-se do professor Osvaldo Campos, «uma depressão podemos curar, a insatisfação é tramada». Para conseguir esquivar-se a essa ideia de que nada é suficiente, sempre à espera de um acontecimento transformador que o salvasse, uma fera na selva, António decidira muito cedo na vida que era melhor afastar pensamentos promotores de insegurança. Comiserar-se com a existência era a armadilha. Adoptou oficialmente uma posição que tinha ouvido dizer ao pai: uma posição de Estado. E o Estado era ele, como se fosse o príncipezinho do seu planeta. *Não precisas de ninguém, não te interrogas, não pedes coisas, simplesmente porque não precisas de coisas, tu bastas-te, tens dentro de ti o que importa, escolhe o caminho e olha para o horizonte.* Tantas vezes repetiu essa ideia de competência para o acto de existir, que esta se instalou sem provocar desgaste ou outras revoluções. Para os outros, António surgiria como alguém demasiado centrado em si próprio, quase imune ao que acontecia em redor.

Certa vez, numa consulta, manifestara a convicção de que a necessidade de reunir todas as culpas era apenas uma forma ineficaz de combater a finitude. «Enquanto estamos ocupados com a culpa, existimos. Se os problemas dos outros não nos afectarem, porque nada têm que ver com a nossa realidade, é tudo mais simples.» E o paciente, infeliz, um desempregado da esperança, contrapusera: «Está bem, percebo o que quer dizer, temos de aceitar que os problemas dos outros existem. E os nossos?» António dera conta de que suspirara e de que o corpo mostrara o seu descontentamento. Recompôs-se com alguma pressa e, mordaz, «não estou a dizer para abraçar um mundo zen, não acredito

nisso, todos precisamos de problemas, de perturbações, de coisas que fogem ao comum e nos baralham, caso contrário, seria um tédio permanente». O paciente, impaciente, recusou: «Não me parece, eu viveria bem com o tédio.»

António ia receber nesse dia um paciente novo e, para tanto, precisava de se confortar com um copo. Imaginava um bom vinho. Encorpado. Com as propriedades apreciáveis que encantam os aficionados: também ele sabia as castas, as especificidades de determinado *terroir*, a temperatura certa de algum vinho tinto, 17 graus. Escolhia mentalmente um vinho do Alentejo, depois arrependia-se e antecipava um Dão. Na verdade, talvez um vinho de António Maçanita, esse tipo sabia fazer vinhos. Os doentes na sua lengalenga existencial, e ele a visualizar o copo, a garrafa ali por perto, o líquido espesso, cor de sangue, a tocar a língua. Não seria suficiente. Mudava de cenário. Imaginava então uma aguardente, e a urgência desse lume perturbava-o. Olhava para o relógio, apressava o tempo das sessões e batia com o indicador no apoio lateral da poltrona para marcar os segundos. Um, dois, três... tudo se tornava nublado e a sessão terminava sem que ele se desse conta do próprio automatismo. Nunca tocava nos doentes, não havia apertos de mão nem beijos, apenas um «até para a semana». O suficiente.

Não seria um caminho doloroso até ao consultório, por isso decidiu ir a pé. Saiu da sacristia vestido à civil, já indiferente ao tormento dos trinta e três botões de cima a baixo, os cinco botões de punho a invocar as chagas de Cristo, quem saberia estas coisas? O preto da sotaina era a morte, o sacrifício, e o colarinho, a pureza das ideias. Aprendera no seminário, em Chaves, parecia-lhe outra vida, um tempo irreal. No bolso esquerdo, sentia o desconforto da clérgima, retirara-a para se sentir mais leve, permitir que o ar se encontrasse com o pescoço, livremente: tirara-a para ser livre. Por princípio, acreditava-se livre com Ele, na devoção de uma fé que nascera consigo, vagamente imposta por uma avó beata. Não, não seria justo dizê-lo assim, a avó apenas o encaminhara, nada mais. Eduardo escollhera aquele mistério; aos catorze anos já sabia. O seminário foi a confirmação, e a família acatou por falta de tempo para pensar em alternativas, contando o parco rendimento, atendendo às necessidades básicas das famílias numerosas. O pai suspirara de vergonha, a mãe, de alívio. A vergonha estava na ideia pouco viril de um filho padre ser uma espécie de enjeitado, faltar-lhe-iam a vida, o sexo, os filhos. Para mais, usaria saia. E o pai desconfiava de padres. «São uma cambada, não fazem nada e ainda querem o nosso dinheiro.»

O lugar da incerteza

O palco é Lisboa, o cenário principal, um consultório de psiquiatria: poltrona, sofá baixo de tom amarelo-ocre e tapete garrido cuja singular relevância para a história é a de aludir aos labirintos em que as suas personagens se vêem e verão enredadas. E são algumas as personagens e muitos os labirintos através dos quais António, o psiquiatra, as irá guiar, como Ariadne com o seu fio. A segurar a outra ponta, Eduardo, um padre que já não encontra consolo nesse lugar de fé, e Simone, arquitecta a braços com uma carreira e uma família em ruínas. Deste elenco fazem ainda parte Tomás, Alice, Camila, Isabel e Bárbara, testemunhas de que o Diabo anda sempre à espreita.

Depois da biografia de Maria Teresa Horta, Patrícia Reis regressa ao romance com *O lugar da incerteza*, um livro que é também uma reflexão sobre a fé, os Homens e as teias em que se deixam embrenhar, por ser da sua natureza essa incapacidade de se manterem acima das coisas terrenas.



«Uma das combinações perfeitas para sublinhar o silêncio, para lhe conferir peso e desconforto, é associar-lhe culpa, vergonha e medo. O medo é muito enriquecedor, Tomás considerou as dimensões possíveis. Um medo-terror, um medo-picuinhas, um medo-dúvida, um medo-medo. Medo-medo, assim lhe dizia a mãe em criança: “Tomás, não há gladiadores no armário, só um medo-medo, tens de o pôr debaixo da cama.” Ele nunca entendera a lógica da mãe, mais tarde concluirá que as mães não devem nada ao raciocínio e à lógica, dizem coisas para apaziguar pesadelos, palavras que se constroem em frases completas e cujo sentido é apenas o do consolo. Agora, Tomás diria: “Mãe, tenho medo-medo.”»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.pinguinlivros.pt

[f](#) [@companhiadasletrasportugal](#)



9 789895 896370